



"A Viagem"

Princípio de Setembro.

As folhas caíam, a compasso, daquela velha roseira brava plantada por Deus à beira do córrego que descia a vertente da montanha.

Duas pétalas, aproveitando uma brevíssima aragem que soprou na frescura da manhã, abandonaram-se àquele fio de água. Vinha lá de cima, da Serra da Malcata, e buscava a fundura, lá mais abaixo, para se unir à Ribeira de Alfaiates e daí partir à aventura do oceano pelas vias do Côa e do Douro.

Mergulhadas na água, as duas asas da flor seguiam a par.

Falavam do tempo que caminhava a passos largos para a melancolia do Outono; falavam das suas irmãs que já haviam partido mais cedo; falavam do espaço infinito que viam à sua volta e dos novos cenários que a viagem lhes ia pondo diante dos olhos; falavam, sobretudo, da grandeza dum mundo que se renova ciclicamente e a cada momento.

A sua mãe-roseira haveria de voltar a ter filhas, amanhã, quando desabrochasse de novo a Primavera.

Lado a lado, deixavam-se ir na corrente, desviando-se aqui e além, dum qualquer obstáculo do caminho.

Se uma se atrasava, enalhada num seixo, logo a outra esperava por ela mais adiante, num galho qualquer que ali adormecera de vez...

Depois... retomavam a marcha... À procura do infinito.

Um de queda em queda no declive do terreno, sustendo-se uma à outra, a espaços, até que atingiram a ribeira, cá mais abaixo, num sítio mais largo quando as águas se formavam arroio.

Abandonaram-se ao sabor da levada, flutuando de costas, mais afastadas, agora, uma da outra... Tinham de falar mais alto para se ouvirem, mormente quando encontravam alguma pequena cachoeira.

Foi nessa altura que uma delas foi tropeçar num emaranhado de silvas que pendiam sobre as águas, e ali ficou a debater-se para se livrar do embaraço e poder seguir viagem. A pétala irmã não se apercebera do que acontecera à outra e continuou na correnteza a deleitar os olhos com a ramaria dos salgueiros-chorões.

Menção honrosa

João Baptista Coelho

Página 1



Quando acordou do breve devaneio, olhou em volta sem ver a sua companheira.

Com um certo esforço conseguiu agarrar-se a uma pedra mais saliente e procurou em redor.

Nada! Só a água, correndo.

Esperou. E quando as forças quase lhe faltavam para se manter ali, agarrada ao pedaço de granito, foi o instante em que lobrigou a sua irmã, lá mais acima, a aproximar-se vagarosamente.

Quando pela primeira se cruzou a segunda, aquela desprende-se do seu encosto e aproximou-se da outra, até ambas se tocarem.

Tiveram, então, a percepção do perigo que corriam.

Procurando não se largarem as mãos, assim foram ribeira abaixo até entrarem no Côa e nele seguiram rio fora. Agora... sem dizerem palavra.

A aventura era demasiada para quem nada conhecia do mundo se não o local onde a sua mãe-roseira criara raízes, lá no alto da serra.

Na confluência do Côa com o Douro, as águas faziam remoinho com as que vinham de mais longe; ainda mais além que Barca de Alva.

E, perante o perigo iminente de, na juntura das águas, serem de novo afastadas, a pétala maior, olhando a sua irmã mais pequena a si encostada, tem um gesto quase que maternal: aproveitando o leve esbarrar num graveto que flutuava, puxou a folha gémea para cima do seu próprio corpo para melhor resistirem ao vórtice líquido.

Depois... depois deixaram-se ir pelo rio abaixo, cavalgando-se em comum, cansadas de brincadeira, dormitando uma, acordada a outra.

Quando passaram por baixo e para além da ponte da Arrábida, aí, a ondulação vinda do mar separou-as.

Eu, que seguira com os olhos, desde a Serra da Malcata à foz do Douro, a vida acidentada daquelas duas folhas, perdi-as de vista quando cheguei à cidade.

Imagino-as, hoje, no revoltado mar salgado a debaterem-se na crista das ondas, procurando ficar unidas tal qual estiveram quando ainda eram botão no tronco da sua mãe-roseira.

Imagino-as, á dimensão dos homens, como um exemplo do que estes deveriam ser e de como deveriam proceder: dar as mãos em todas as vicissitudes da vida – os mais fortes amparando os mais fracos; os mais intrépidos protegendo os mais débeis; os maiores ajudando a vencer as

Menção honrosa



dificuldades dos mais pequenos – já que qualquer gesto nesse sentido, por simples que seja, só nos pode dignificar perante a vida, perante os homens nossos irmãos e, principalmente, diante de Deus no percurso que fazemos desde a nascente até à foz do nosso rio.

Menção honrosa

João Baptista Coelho

Página 3